

AS PRÁTICAS DE LEITURA PRESENTES NA POPULAÇÃO CARCERÁRIA DO PRESÍDIO DE IGARASSU

SUZAN KELLY NEGROMONTE (UFPB).

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo investigar as práticas de leitura presentes na população carcerária do Presídio de Igarassu – PE. Para tanto, foi necessário fazer uma revisão teórica de três concepções da leitura: cognitivista, sociointeracionista e discursiva. Ao perceber que o meio social influencia diretamente no ato de ler daquelas pessoas, utilizamos os apontamentos teóricos da perspectiva sociointeracionista, que procura detectar as peculiaridades na própria atividade de construção dos sentidos na relação entre leitor e texto. Dentre os estudiosos ligados à leitura, utilizamos Kleiman (2007), Kato (2007), Bakhtin (1999), Antunes (2005), Koch (2005) e Orlandi (2006). Com o intuito de analisar o grau de letramento dos detentos, fizemos um aprofundamento nas literaturas de Soares (1998; 1995), Costa (2000) e Correa & Saleh (2007) que abordavam os eventos do letramento nas instituições sociais e a relação entre o letramento e a alfabetização. Independente do meio social em que ocorre o evento do letramento há entre o sujeito e a linguagem um processo de intersubjetividade, pelo caráter dialógico que a palavra possui, como assevera Bakhtin (1999). Para validar este estudo, utilizamos os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, exploratória e que recorre aos critérios de análise qualitativa. A partir das observações, resumimos nosso corpus aos indivíduos que frequentavam a escola e a biblioteca, buscando traçar o perfil de leitura dos encarcerados. Em seguida, para avaliar o nível de letramento dos detentos, diminuimos nosso corpus para apenas cinco entrevistados, que foram previamente selecionados pelo corpo docente para interpretar cinco textos, de diferentes gêneros e temáticas. Após analisar os resultados obtidos, acreditamos que um conjunto de políticas públicas subsidiadas pela leitura pode servir de modelo para as demais unidades prisionais do Estado de Pernambuco a fim de que o processo de ressocialização ocorra naturalmente.

Palavras-chave:

LEITURA, LETRAMENTO, RESSOCIALIZAÇÃO.

Introdução

Surgido no final do século XVIII e início do século XIX, o sistema carcerário tinha como função principal a punição daqueles que não agiram conforme as leis da sociedade. Nessa época, o único objetivo do encarceramento penal era privar o indivíduo da liberdade. Primeiramente, pensava-se que apenas a detenção seria suficiente para transformar aqueles que estavam encarcerados. No entanto, a partir de 1950, iniciou-se o processo de requalificação dos presos com a inserção da educação no sistema carcerário. O sistema educacional nos presídios ocorria seguindo o mesmo modelo das escolas do sistema público e privado da sociedade. Entretanto, em 1988, a responsabilidade da educação dos detentos passou a ser da FUNAP - Fundação de Amparo ao Trabalhador Preso do Distrito Federal -, que criou um sistema educacional próprio para aqueles indivíduos e ambiente, levando em consideração as adversidades que subjazem ao sistema carcerário. Mas, as condições adversas são muitas e a recuperação social dos internos torna-se um fracasso, a reincidência criminal cresce cada vez mais.

Por acreditarmos que a formação de leitores convoca variadas e complexas intervenções, haja vista consistir num domínio a ser adquirido no meio social, cabe às instituições, sociedade e governos promoverem mecanismos de fomento à leitura em todos os contextos sociais.

Por isso, nossa pesquisa direciona-se a um público específico, o carcerário, para o qual há extremas restrições de lazer e outras ocupações úteis ou prazerosas, que possam modificar positivamente quadros comportamentais abominados pela sociedade. Dessa forma, nos propomos a analisar como se desenvolvem essas atividades de leitura no Presídio de Igarassu. Acreditamos que o estímulo à leitura, pautado em estratégias pedagógicas e criteriosamente orientadas, pode se tornar um excelente mecanismo de inclusão social e, em decorrência disso, um elemento de agregação pacífica na unidade prisional.

É no referido ambiente que a inserção de projetos visando às estratégias de universalização da leitura pode mudar substancialmente um quadro negativo de convívio social. Assim, a leitura tornar-se-ia uma via de acesso à reintegração social, já que, por meio dela, "incorporamos novas idéias, novos conceitos, novos dados, novas previsões, novas e diferentes informações acerca das coisas, das pessoas, dos acontecimentos, e de intervenção dos homens sobre o mundo, sobre o planeta, sobre o universo" (ANTUNES, 2002, p.98).

O leitor, ao penetrar-se nos horizontes do texto, expande suas experiências e participa da transformação da cultura. A leitura é uma forma de ascender socialmente. O ato de ler, situação marcada pela trajetória de vida do sujeito-leitor, deve ser uma ferramenta essencial no campo educacional; como assevera Silva (2005, p.77), "educação é o exercício da liberdade do homem para estruturar o seu projeto de existência, para viver os diferentes horizontes da cultura". Ler é uma prática social que desenvolve a capacidade interpretativa leitora do sujeito; inserido em qualquer meio social. A pesquisadora Bethânia Mariani desenvolve um trabalho retratando a questão da leitura da/na Rocinha, buscando analisar quais as experiências e os materiais ligados ao hábito de ler que circulam naquele ambiente. Daí, consideramos a leitura uma forma de instrumento a ser utilizado na ressocialização.

Procedimentos teórico-metodológicos

Este trabalho identifica as práticas de leitura presentes no presídio de Igarassu. Com base nessas práticas, buscamos investigar quais as estratégias empregadas a fim de conferir o que pode servir de modelo para a universalização da leitura naquela população. Para esse intento, o instrumento principal de pesquisa foi a observação, por meio da qual registramos, entre outras variantes: o perfil do leitor encarcerado, os tipos de leitura mais presentes, a existência e as condições de biblioteca, de salas de leitura ou de grupos de leitura.

Utilizamos os procedimentos metodológicos da pesquisa de campo, exploratória e que recorre aos critérios de análise qualitativa. A partir das observações, colhemos documentos como fichários, relatórios, livros diários de registro de alterações no presídio e demais documentos que pudessem demarcar a presença da leitura no referido ambiente, a partir dos quais procedemos às nossas anotações.

Como referencial teórico, utilizamos autores que defendem a leitura numa perspectiva sociointeracionista, a qual considera que o processo de compreensão textual se constrói através da interação, numa relação TEXTO-SUJEITOS. Dentre os pesquisadores que adotam esta vertente da leitura estão Bakhtin, Koch, Antunes e outros.

Este trabalho foi estruturado em três fases. Iniciamos com um aprofundamento teórico acerca das três principais vertentes da leitura: a cognitivista, a sociointeracionista e a discursiva, expondo suas peculiaridades e contribuições no campo da lingüística. Para cada uma das concepções utilizamos, respectivamente, as teorias dos seguintes autores: Kleiman (1995; 2007), Kato (2007), Bakhtin (1999), Koch (2005), Antunes (2002; 2005) e Orlandi (2003; 2006). Em seguida, apresentamos um breve histórico sobre a noção de letramento. Desenvolvemos a relação entre alfabetização e letramento, as várias definições deste vocábulo e a maneira adequada de avaliá-lo. Para tanto, utilizamos os estudos de Soares (1998), Costa (2000), Kleiman (1995; 2007), Marcuschi (2003), Kato (2007), Correa & Saleh (2007) e outros. E, por último, fizemos uma descrição e análise dos instrumentos de coleta, intercalados com as reflexões sobre as práticas de leitura propriamente ditas, utilizando Solé (1998) como principal fonte teórica.

Resultados

Estrutura e funcionamento do Presídio de Igarassu

Construído em 2002, localizado no município de Igarassu, no Km 32,5 da BR 101, Norte, encontra-se o Presídio de Igarassu, que apesar de possuir uma área de 90.000 m², toda a construção limita-se a 8.000 m². Projetado para ser um presídio de segurança máxima com capacidade para atender, em média, 426 presos; No entanto, possui, atualmente, uma média de 1.550 detentos. Esta superpopulação foi um dos principais fatores que afetou o nível de segurança do presídio, ocasionando fugas, rebeliões, transferências de detentos, etc.

O Sistema Educacional do Presídio de Igarassu

A escola funciona em dois turnos: 9h - 12h e 12h45min - 15h45min. Em cada um dos turnos há três turmas, totalizando seis. A escola conta com três professores enviados pela Secretaria de Educação de Pernambuco. Cada um deles leciona em duas turmas. As séries são oferecidas de acordo com a necessidade da população carcerária. Atualmente, há quatro: EJA (fase 1 e 2), EJA (fase 3 e 4), Tele-sala (5^a a 8^a) e Telessala (Ensino Médio).

No entanto, devido à redução da pena, notamos que alguns detentos, que até já concluíram o Ensino Médio, fingem não tê-lo feito para poder freqüentar a escola. Os materiais didáticos utilizados pela escola são fornecidos pela Secretaria de Educação ou pela SERES - Secretaria Executiva de Ressocialização. Mesmo pertencendo aos alunos, os materiais escolares não podem ir para os pavilhões, pois poderão servir como moeda de troca e como uma arma a ser utilizada numa briga. Isso acaba por dificultar o processo de ensino-aprendizagem, que fica restrito à sala de aula. Ao término da aula, os materiais são recolhidos e guardados na biblioteca para serem usados no dia seguinte. Outro problema encontrado pela escola é o elevado índice de desistência dos detentos, pois muitos estão ali

temporariamente, enquanto aguardam o julgamento. Após a sentença, muitos são transferidos do presídio para a penitenciária. Então, acompanhar o desenvolvimento do educando é difícil, no entanto, como afirmou a professora Patrícia[1] "algumas pequenas dificuldades não nos impede de fazermos um bom trabalho".

Biblioteca: ambiente de interação

Funcionando no mesmo horário da escola, a biblioteca possui um acervo de cerca de 3000 livros dos mais diversos gêneros, tipologias e temáticas. Entretanto, livros associados a crimes não podem fazer parte do acervo. Os professores acreditam que isto possa interferir no comportamento dos detentos, e conseqüentemente, na ressocialização. O acervo da biblioteca é fornecido pelas Secretarias de Educação e de Justiça e colaborações de igrejas e amigos. Por não haver bibliotecário, são os próprios detentos que catalogam os livros. Por não terem a formação acadêmica adequada e os recursos necessários, a catalogação é feita de forma precária, manualmente, seguindo apenas um critério: separar os livros didáticos dos livros de leitura. Cada listagem escrita em folhas de ofício contém apenas o nome da obra e a quantidade daquele exemplar.

Mesmo com a diversidade de textos, alguns são procurados constantemente, como a Bíblia. Obra muito solicitada pela população carcerária evangélica. Além dos textos religiosos, gêneros que abordem o contexto familiar e o amor também são muito procurados.

Educadores: peças fundamentais no processo de ressocialização

Ao entrevistar os professores, percebemos que todos eles tinham algo em comum: trabalhar com os encarcerados era algo fascinante e compensador, já que os alunos reconheciam e valorizavam seus trabalhos. Como afirmou a professora Juliana "ensinar em presídio, por incrível que pareça, é melhor que ensinar em escola normal. Gosto de lidar com o diferente, é um desafio". Pode parecer uma contradição, mas os presos respeitam mais a figura do professor do que muitos alunos de escolas públicas e privadas. Crianças, adolescentes e adultos que possuem o direito à liberdade, mas que não são capazes de tratar o profissional da educação com o respeito que lhe é merecido. Lecionar no presídio, como disse a professora Luíza, "é algo que compensa emocionalmente".

Teoricamente, o processo de ensino-aprendizagem da escola num sistema carcerário deveria ser o mesmo de outras escolas do estado, no entanto, mesmo com o material didático igual, vários fatores contribuem para que o processo seja extremamente diferente. O meio em que estão inseridos e a baixa qualidade de vida tornam o processo de ensino-aprendizagem lento, mas não impossível de ocorrer. Divergindo-se das escolas regulares, como bem alegou a professora Luíza, a escola no sistema penitenciário "precisa ser um instrumento de ressocialização".

Se houvesse mais investimento do governo para capacitar os professores e melhorar as condições de vida dos detentos, o processo da ressocialização não estaria tão distante. O sistema é confuso. De acordo com a educadora Vilma,

a sociedade rejeita, discrimina, prega-se uma coisa e a realidade é bem diferente e dura. Quem de nós daria um emprego a um ex-detento? É complicado. O sistema é

complicado, não prepara o detento para um retorno à sociedade e acaba que contribui para o retorno dos mesmos à prisão.

Portanto, por mais que haja esforço dos professores e dos detentos em ensinar e aprender, a ressocialização só será possível se todo o sistema carcerário for reformado.

O perfil de leitura dos encarcerados

Dentre os entrevistados, apenas cinco aprenderam a ler e escrever no tempo considerado adequado em nossa sociedade, por volta dos sete anos. É preciso conscientizar a população sobre a importância da leitura e incentivá-la nas várias instituições sociais. Os depoimentos a seguir confirmam o que foi dito. "Comecei a ler por volta dos sete anos. Um tio trabalhava com livros e facilitou o meu acesso aos livros. Sempre gostei de Ler". / "Comecei a ler na escola. Meus familiares não sabem ler, por isso tive vontade de aprender para poder entender melhor as coisas e até ensinar algo para eles". Tudo o que foi exposto anteriormente prova a importância do sistema educacional na formação do indivíduo. Sendo assim, a educação no presídio faz-se extremamente necessária. Alguns dos entrevistados, não-escolarizados, estão aprendendo a ler agora. Por mais difícil que seja a situação, o sistema educacional penitenciário pode contribuir para a qualificação do indivíduo estigmatizado pelo cárcere. Como este: "Estou aprendendo a ler aqui no presídio com o auxílio de livros e da professora".

Assim, concluímos a análise dos dados coletados nas entrevistas realizadas aos detentos deixando um ponto para ser objeto de reflexão.

Ler é muito mais do que possuir um rico cabedal de estratégias e técnicas. Ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler (SOLE, 1998, p. 90. grifo nosso).

Apesar de voluntária, a leitura no sistema carcerário não ocorre de forma prazerosa mesmo para aqueles que gostam de ler. As condições adversas subjacentes ao sistema penitenciário brasileiro corroboram a afirmação anterior.

Reflexões sobre as práticas de leitura

Apesar de alguns detentos terem desenvolvida apenas a habilidade de decodificação do código lingüístico, outros têm o domínio das estratégias que levam à compreensão. O ato de ler é um processo interno, mas que pode ser ensinado. Durante o processo de compreensão, o leitor abstrai do texto as informações que lhe são essenciais para alcançar seus objetivos. Como afirma Solé (1998, p.46), "quando um leitor compreende o que lê, está aprendendo; à medida que sua leitura o informa, permite que se aproxime do mundo de significados de um autor e lhe oferece novas perspectivas ou opiniões sobre determinados aspectos".

Com base nas concepções de leitura revisadas nesta pesquisa e nas interpretações dos entrevistados, resolvemos inserir um quadro-tabela expondo as concepções de leitura de cada detento, observe:

Quadro 1 - Concepção de leitura dos detentos

CONCEPÇÃO DE LEITURA	COGNITIVISTA	SOCIOINTERACIONISTA	DISCURSIVA
	TEXTO 1		X
	TEXTO 2		X
D1	TEXTO 3		X
	TEXTO 4	X	
	TEXTO 5	X	
	TEXTO 1		X
	TEXTO 2	X	
D2	TEXTO 3		X
	TEXTO 4	X	
	TEXTO 5		X
	TEXTO 1	X	
	TEXTO 2	X	
D3	TEXTO 3	X	
	TEXTO 4		X
	TEXTO 5	X	
	TEXTO 1	X	
	TEXTO 2		X
D4	TEXTO 3	X	
	TEXTO 4	X	
	TEXTO 5	X	
	TEXTO 1	X	
	TEXTO 2		X
D5	TEXTO 3	X	
	TEXTO 4		X
	TEXTO 5		X

Ao analisar o quadro acima, percebemos que os entrevistados possuem mais desenvolvida a concepção cognitivista da leitura. Dominam apenas a decodificação do código lingüístico. O leitor, perante o texto, processa os elementos começando pelo reconhecimento das letras, continuando com as palavras, frases... num processo hierárquico na busca pela compreensão. A interpretação textual é determinada pelas idéias principais que ele aborda. É de fundamental importância, no processo de leitura, como assevera Solé (1998, p.36), "ativar o conhecimento prévio relevante, estabelecer objetivos de leitura, esclarecer dúvidas, prever, estabelecer inferências, autoquestionar, resumir, sintetizar etc".

Considerações Finais

Dentre as concepções da leitura descritas - cognitivista, sociointeracionista e discursiva -, percebemos que grande parte dos entrevistados tinha o ato de ler apenas como a ação de decodificar o código lingüístico, sem serem capazes de relacionar as informações por eles decodificadas com seus conhecimentos prévios e aspectos extralingüísticos oferecidos no texto. Entretanto, mesmo que a leitura seja só uma fuga dos problemas enfrentados pelos detentos, se a mesma for implantada no sistema carcerário com a devida importância, ela pode tornar-se um forte aliado no processo de ressocialização.

Devido à reincidência criminal, notamos que a educação deve priorizar a capacidade de reflexão dos detentos, fazendo-os compreender a realidade que os cerca para em seguida iniciar seu processo de transformação. A nossa hipótese é de que precisamos trabalhar a capacidade crítica e criadora do indivíduo a fim de que ele faça as escolhas certas em sua vida. Nesse momento, percebemos que a leitura pode colaborar no processo de ressocialização, desenvolvendo o senso crítico dos detentos e levando-os a refletir sobre suas escolhas. A leitura, além de potencializar as capacidades intelectuais do indivíduo, proporciona o exercício da cidadania, disponibilizando democraticamente o conhecimento para aqueles que já foram excluídos do convívio social. Ler é conhecimento. Como afirma Quésia da Cunha Oliveira (*apud* BASSANI, 2008), diretora de ressocialização da Sejus, "a aprendizagem estimula a autonomia, possibilita a sensibilização e é um fator decisivo na ressocialização do preso". É preciso valorizar o detento como pessoa humana, dignificando-o mesmo dentro da prisão. Esse é o caminho para que ele se recupere de suas condutas delituosas e possa inserir-se novamente na sociedade.

Com relação aos cinco textos que foram interpretados, ao analisar as respostas expostas pelos detentos, verificamos que os mesmos não têm bem desenvolvida a habilidade da escrita e a capacidade interpretativa, utilizando, por vezes, expressões inadequadas a um texto formal. Isso não nos surpreendeu dadas as condições de vida anteriores e atuais dos indivíduos analisados e tendo em vista as dificuldades de leitura e de escrita da população em geral. No entanto, por estarem inseridos numa sociedade letrada, não podemos afirmar que o grau de letramento desses indivíduos seja zero, até porque, de um jeito ou de outro, eles exercem suas práticas sociais. Não há um critério de seleção para dividir os indivíduos em dois grupos: letrados e iletrados. Ao utilizar a leitura ou a escrita num contexto determinado socialmente, o indivíduo já está participando do evento do letramento. Embora encontremos nos textos dos detentos muitas rupturas sintáticas e até semânticas, notamos que D1 e D2 foram capazes de compreender, mesmo que, simploriamente a mensagem que estava sendo veiculada. Já D5, nos textos 4 e 5, além de perceber as informações implícitas também relatou o discurso do senso comum, repetido pela população.

Apesar deste estudo ter sido realizado apenas em uma unidade prisional, acreditamos que esta seja significativa para reforçar as palavras de Silva (2005, p.79) a respeito de que "a leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural", ao que acrescentamos que deve ser inserida em todo meio social, inclusive na prisão. Devido às condições adversas do sistema penitenciário, muitas vezes acreditamos que o trabalho não seria concluído; no entanto, ao chegar ao término desta etapa, percebemos que todos os esforços valeram a pena e que a ressocialização não é uma utopia. Por isso, afirmamos que um conjunto de políticas públicas subsidiada pela leitura pode servir de modelo para as demais unidades prisionais do Estado de Pernambuco a fim de que o processo de ressocialização ocorra naturalmente.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Leitura: um instrumento de cidadania no currículo escolar**. Portal do São Francisco / revista do Centro de Ensino Superior do Vale do São Francisco. CESVASF, 2002, p.97-105.

_____. **Lutar com palavras - coesão e coerência**. 3.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1999.

BASSANI, Bárbara. **Obras literárias levam esperança e ressocialização a detentos e menores em conflito com a lei**. Disponível em: <http://www.es.gov.br/site/noticias/show.aspx?noticiald=99671453> Acesso em: 22 de agosto de 2008.

CORREA, D; SALEH, P. (org.). **Práticas de letramento no ensino - leitura, escrita e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007.

COSTA, Sérgio R. **Interação e Letramento Escolar: uma (re)leitura à luz vygotkiana e bakhtiniana**. São Paulo: EDUFJF/Musa, 2000.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, Ângela. (org.). **Os significados do letramento - uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

_____. **Texto & leitor - aspectos cognitivos da leitura**, 10. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

KOCH, Ingedore. **Desvendando os segredos do texto**, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita - Atividades de Retextualização**, 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

ORLANDI, Eni. (org.). **A leitura e os leitores**, 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

_____. **Discurso & leitura**, 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler - Fundamentos Psicológicos para uma nova Pedagogia da Leitura**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

[1] Por motivos de segurança, todos os nomes dos educadores citados no trabalho são fictícios.